

Inês Lacerda Araújo

OS CURSOS  
DE **FOUCAULT**  
*NO COLLÈGE*  
*DE FRANCE*  
UM GUIA DE LEITURA

  
**PUCPRESS**  
2025

© 2025, Inês Lacerda Araújo

2025, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

**Reitor**

Ir. Rogério Renato Mateucci

**Vice-Reitor**

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa,  
Pós-Graduação e Inovação**

Paula Cristina Trevilatto

**PUCPRESS**

**Gerência da Editora**

Michele Marcos de Oliveira

**Edição**

Susan Cristine Trevisani dos Reis

**Edição de arte**

Cristina Mosol

**Preparação de texto**

Meire Teresinha Contieri

Maria Auxiliadora de Lira Hager

**Revisão**

Meire Teresinha Contieri

Maria Auxiliadora de Lira Hager

**Capa e projeto gráfico**

Rafael da Matta Hasselmann

**Diagramação**

Rafael da Matta Hasselmann

**Conselho Editorial**

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

**PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 6º andar

Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba/PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

A663c  
2025

Araújo, Inês Lacerda  
Os cursos de Foucault no Collège de France : um guia de leitura / Inês Lacerda  
Araújo. – Curitiba : PUCPRESS, 2025.  
280 p. ; 21 cm

Bibliografia: p. 276-278  
ISBN: 978-65-5385-157-3 (impresso)  
ISBN: 978-65-5378-158-0 (e-book)

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. Filosofia francesa. I. Título.

25-196

CDD 20. ed. – 194

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO . . . . . 5

## **PARTE I**

A temática do discurso, saber, poder judiciário e punição . . .14

## **PARTE II**

A temática da psiquiatria e da anormalidade . . . . .46

## **PARTE III**

A temática do poder sobre a vida (biopoder), a diferença  
entre governar território e governar população . . . . .84

## **PARTE IV**

A temática da governamentalidade, do discurso  
verdadeiro, da experiência ética e política nas práticas de si . 150

REFERÊNCIAS. . . . .276



## APRESENTAÇÃO

Michel Foucault (1926–1984) publicou obras que se tornaram canônicas, com temas polêmicos, um filósofo combativo e crítico, talvez o mais famoso e comentado pensador da atualidade. Suas obras desvendam novos caminhos para olhar a loucura, a medicina, a psiquiatria, a psicanálise, o sistema judiciário, a prisão, a sexualidade. Em *História da Loucura*, mostrou como o olhar médico no espaço hospitalar aliena a loucura. Em *As Palavras e as Coisas*, como se constituíram historicamente saberes sobre o homem. As configurações discursivas são escavadas em *Arqueologia do Saber*. Sua obra mais conhecida é *Vigiar e Punir*, sobre a sociedade disciplinar traçada por dispositivos de poder e de saber. No volume I de *História da Sexualidade*, Foucault mostra que o desejo e não o prazer constituem a instância da sexualidade que entra no território da verdade, verdade científica. Essas foram suas publicações entre 1961 e 1976. Os dois últimos volumes de *História da Sexualidade* foram publicados em 1984. A produção desse período se apresenta nas aulas, com abordagens inéditas, visões acerca da sociedade, da história, da política que acrescem valor e importância para a compreensão do pensamento de Foucault, de sua original contribuição para a crítica filosófica. Assim, prazer e verdade, o cuidado e conhecimento de si são diferentes modos de constituição da subjetividade. Governo de si e governo dos outros, a sociedade disciplinar juntamente com a biopolítica que controla não o corpo individual e sim a população, são perspectivas que apenas as aulas no Collège de France revelam.

Os treze cursos de Michel Foucault no Collège de France abarcam o período de dezembro de 1970 até sua derradeira aula em

28 de março de 1984. Em uma das últimas aulas se queixa de cansaço, era a terrível doença, a AIDS, pouco conhecida, e, claro, sem tratamento à época, e que o levou. Para as aulas, foi um incansável pesquisador, os temas percorrem a história ocidental, os mitos, a filosofia antiga, documentos que ficam à margem do saber, alguns foram abordados em seus livros, mas grande parte deve ser procurada nos cursos. Como se sabe, o acesso aos cursos se deveu a fitas cassete e às anotações do próprio Foucault. A organização dos cursos e sua publicação é fruto do trabalho rigoroso de François Ewald e Alessandro Fontana. Entre os editores se destacam Daniel Défert e Frédéric Gros.

Com a publicação completa dos cursos, que eram abertos ao público e tinham enorme audiência, desenha-se um panorama de seu pensamento, ideias e conceitos, que as obras publicadas ora deixam entrever, ora ficam à sombra. Assistir às aulas e anotar, compreender as lições do mestre, isso ficou no passado, nas fitas gravadas. Muito diferente de ler e de estudar com os livros na mão, o que permite análise e aprofundamento, melhor compreensão desse pensador cambiante, que pesquisa os mais diferentes autores e arquivos, que estuda questões polêmicas, atraentes, fundamentais para o exercício filosófico. O próprio estilo de vida do filósofo, seus combates, temas inusitados e controvertidos chamam a atenção. Sua criatividade e erudição, que ficam evidentes nos livros publicados, os cursos enfatizam e salientam. Os temas escolhidos revelam mudanças teóricas, as minuciosas pesquisas conduziram a novos rumos e questionamentos. Trata-se de leitura proveitosa para todos que acompanham a trajetória do filósofo, suas visões e seu método de trabalho.

As aulas o mostram em toda sua argúcia, com abordagens originais que motivam e incentivam leitores e estudiosos a se deter, pensar e repensar suas ideias e o modo como ele inovou o pensamento filosófico. Alguns desses estudos são inéditos, surpre-

endentes e esclarecedores. A acepção de verdade permeia os cursos, relacionada à vontade, com transformações desde os filósofos antigos, passando pelo cristianismo, até a sociedade moderna. Noções originais como as de ilegalismo, anormalidade, segurança, governamentalidade, verdade e subjetividade, são apontadas e explanadas nos cursos. A importância dos cursos no Collège de France fica mais evidente se levarmos em conta que, entre 1976 até a publicação em 1984 de *Uso dos Prazeres* e de *O Cuidado de Si*, fez-se um intervalo de oito anos. O que Foucault estudou e pesquisou nesse período, a resposta está nas aulas.

Foucault desbrava noções de governo e de governamentalidade a partir da análise de documentos sobre estatística, territorialidade e poder soberano. Os temas principais de suas obras são destrinchados nos cursos, como discurso, disciplina e prisão. Outros são novidade, como o de governo da população, para o qual a segurança é fator fundamental. Os cursos indicam novas abordagens após as análises da loucura, da arqueologia do saber, da relação entre poder e saber e do discurso. Destacam-se a normatividade, a governamentalidade e os modos de subjetivação. É possível percorrer a relação poder/saber nos discursos médicos e psiquiátricos sobre a anormalidade e a sexualidade. Não menos importante é sua leitura da ética antiga, com uma visão peculiar sobre o cinismo, além de revisitar Platão. Esses estudos sugerem que o modo de viver, que os estilos de vida, especialmente o dos gregos antigos, dos estoicos e, finalmente, o do cinismo valorizam o cuidado como ressalta Foucault, algo diverso de conhecimento de si e que abre toda uma análise original sobre o estilo atual de ser do sujeito herdeiro de pressupostos do cristianismo, e que contrastam com o estilo de vida antigo.

Havia a obrigação de fazer um resumo antes do início dos cursos, para ser apresentado no Collège de France. Nem sempre ele seguia o que indicava no resumo. Não há uma linearidade em

suas aulas, Foucault se detém mais em certos pontos, chega a ser até mesmo repetitivo, por vezes muda de rumo, ou então retoma aulas ou cursos anteriores. Para o numeroso público que o ouvia, esses fatores não importavam, até mesmo se faziam necessários para melhor compreensão. Para quem for ler e estudar os cursos, repetição e prolixidade podem ser obstáculo. Quanto à publicação dessas aulas, foi algo que o próprio Foucault não previu, apesar de ter expressado o desejo de vê-las publicadas. Isso, chegou a mencionar “aqui e ali”, como atestou Paul Veyne em *Foucault, Sa Pensée, sa Personne* (p. 202). Evidentemente as revisaria e talvez as resumisse. Em compensação, nos cursos Foucault é mais livre para ensaiar, expor suas pesquisas acerca de temas e períodos pouco abordados nos livros.

Daí o objetivo deste **guia de leitura**, traçar um mapa, mostrar os pontos mais importantes e esclarecedores de suas ideias, que indicam as mudanças de rumo em seu repertório de temas e de conceitos. Com isso, é possível lançar mais alguma luz sobre seu pensamento, o modo criativo, original e polêmico de considerar e entender punição, biopoder, polícia, segurança, governo e governamentalidade. Por vezes, Foucault interrompe o fluxo da aula com observações curtas e contundentes que revertem o modo de ver e de pensar, sobre, entre outros temas, medicina, psiquiatria, psicanálise, marxismo, liberalismo. Nos últimos cursos, a filosofia antiga é o estofo sobre o qual ele constrói suas ideias acerca da constituição do sujeito, sobre a diferença entre o cuidado de si e o conhecimento de si, a subjetivação para Sócrates, Platão e para os estoicos. O modo de subjetivação, da relação entre sujeito e verdade no cristianismo introduz uma matriz, a da confissão que vem até nossos dias.

Para indicar uma leitura mais proveitosa dos cursos, segui alguns critérios como apontar as repetições, mostrar pontos relevantes e inovadores de seu pensamento, ressaltar o que é inédito

e interessante. As páginas citadas da edição Gallimard seguem as páginas citadas das edições em português, e desse modo o leitor, tanto da edição original, quanto das traduções, poderá acompanhar o desdobramento das aulas. Enfim, um guia para os treze cursos, cada qual contendo aproximadamente doze aulas, em que o vigor de suas ideias, das extensas e numerosas pesquisas bibliográficas, e de novos conceitos, revelam o filósofo por inteiro, e o interesse que ele desperta pode ser conferido por meio da publicação completa dos cursos pela Gallimard e nas traduções, pela Martins Fontes, com referenciação bibliográfica no final deste guia.

*L'art de Michel Foucault était de diagonaliser l'actualité par l'histoire. Il pouvait parler de Nietzsche ou d'Aristote, de l'expertise psychiatrique au XIXe siècle ou de la pastorale chrétienne [...]. La puissance propre de Michel Foucault dans ses cours tenait à ce subtil croisement entre une érudition savante, un engagement personnel et un travail sur l'événement.* (François Ewald et Alessandro Fontana) (in Avertissement).

*A arte de Michel Foucault era a de estabelecer uma diagonal da atualidade pela história. Ele podia falar de Nietzsche ou de Aristóteles, da expertise psiquiátrica no século XIX ou da pastoral cristã [...]. O poder próprio de Michel Foucault nos seus cursos devia-se a esse sutil cruzamento entre uma sábia erudição, engajamento pessoal e um trabalho sobre o acontecimento.* (François Ewald e Alessandro Fontana) (in Advertência).

É possível dividir as aulas em quatro grandes temáticas:

## I. A temática do discurso, saber, poder, sistema judiciário e punição

Ao modelo platônico-aristotélico de conhecimento foi sobreposto o modelo sofista. Há formas de saber e vontade de saber de um lado, e o enunciado discursivo, de outro. Foucault mostra como os modos de extrair a verdade se modificam conforme os tipos de punição, tema que será retomado em seus estudos sobre a sociedade disciplinar. Saliente-se como o conceito de poder foi sendo construído, a relação entre verdade e testemunho, desde os mitos até a sociedade moderna, são estudos que serão retomados em cursos subsequentes. O primeiro curso, *Aulas sobre a Vontade de Saber*, lança ideias e conceitos fundamentais, portanto sua leitura é imprescindível. O papel do inquirido com relação à extração da verdade é o ponto alto do segundo curso. A diferença entre ilegalidade e ilegalismos, conceito este cunhado pelo filósofo, é apresentada em *A Sociedade Punitiva*, curso que prenuncia *Vigiar e Punir*.

*Leçons sur la Volonté de Savoir* (1970–1971)

(*Aulas sobre a Vontade de Saber*).

*Théories et Institutions Pénales* (1971–1972)

(*Teorias e Instituições Penais*).

*La Société Punitiv*e (1972–1973)

(*A Sociedade Punitiva*).

## II. A temática da psiquiatria e da anormalidade

São cursos que podem despertar interesse tanto para filósofos, como para médicos, especialmente para a área da psiquiatria. O próprio título indica a intenção crítica, o poder do médico no diagnóstico, que leva para a questão da diferenciação normal/anor-

mal. A importante noção de sociedade disciplinar é esboçada, e sua concepção de poder é detalhada. O poder disciplinar, que Foucault distingue do poder soberano, induz e provoca a loucura, o que representa uma análise que não estava presente em *História da Loucura*. A vida, a biografia, será essencial para a avaliação, é elemento essencial do poder do médico psiquiatra, demonstrar a verdade ao louco, impor a ele a realidade. A anormalidade é detectada na família, incesto, degenerescência, toda uma literatura médico-psiquiátrica é abordada. O anormal é diagnosticado como possuído por um estado, pelo instinto, a hereditariedade é fator essencial desse discurso que, sob a capa de ciência, marca, exclui, requer intervenção médica.

*Le Pouvoir Psychiatrique* (1973–1974)

(*O Poder Psiquiátrico*).

*Les Anormaux* (1974–1975) (*Os Anormais*).

### **III. A temática do poder sobre a vida (biopoder), a diferença entre governar território e governar população**

São cursos que permitem uma outra visão, um outro modo de compreender a sociedade atual, a conservação da vida por meio de um tipo de poder, o que leva Foucault a abordar temas da história contemporânea. Ele introduz o importante fator da segurança para gerir a população, sua circulação, sua conservação. Os sistemas de segurança que funcionam lado a lado com a sociedade disciplinar levaram a novos modos de governar, não mais o do soberano, mas o do governante que precisa lidar com o meio, com a circulação de mercadoria, faz uso da estatística, redesenha as cidades. São verdadeiras lições sobre economia política, desde o mercantilismo, passando pelos fisiocratas, chegando ao liberalismo e ao neoliberalismo, em um retrato da sociedade moderna.

*Il faut défendre La Société* (1975–1976)  
(*Em Defesa da Sociedade*).

*Securité, Territoire, Population* (1977–1978)  
(*Segurança, Território, População*).

*Naissance de la Biopolitique* (1978–1979)  
(*Nascimento da Biopolítica*).

#### **IV. A temática da governamentalidade, do discurso verdadeiro, da experiência ética e política nas práticas de si**

A filosofia antiga, especialmente Sócrates e Platão, os filósofos estoicos, Sêneca e Marco Aurélio, são destacados para mostrar a estilística dos gregos e dos latinos do cuidado de si. Conhecer a si mesmo e cuidar de si se distinguem, o conhecer a si mesmo prevaleceu na filosofia e na cultura ocidental, permeia toda a tradição filosófica, leva à obrigação de confessar, de analisar, de chegar à verdade acerca de si. Permeiam esses cursos a importante noção de *parrhesía*, quer dizer, o uso franco do discurso, com coragem, publicamente, e de como essa condição se dá com relação à constituição de si mesmo do sujeito, em um tipo de estilística da existência. Esses estilos diferem do cristianismo, para o qual importa a salvação da alma, o que não requer conhecer, nem cuidar e sim a decifração de si. Por fim, mas não menos importante, Foucault toma o cinismo como exemplo de vida autêntica, despojada, cujo corpo é o texto. Sendo os quatro últimos cursos bastante longos, Foucault introduziu um intervalo entre as aulas, a 1ª e a 2ª horas.

*Du Gouvernement des Vivants* (1979–1980)  
(*Do Governo dos Vivos*).

*Subjectivité et Verité* (1980–1981)  
(*Subjetividade e Verdade*).

*L'Herméneutique du Sujet* (1981–1982)

(*A Hermenêutica do Sujeito*).

*Le Gouvernement de Soi et des Autres* (1982-1983)

(*O Governo de Si e dos Outros*).

*Le Courage de la Vérité. Le Gouvernement de soi et des  
Autres II* (1983–1984) (*A Coragem da Verdade.*

*O Governo de Si e dos Outros*).

# **PARTE I**

A temática do discurso, saber,  
poder judiciário e punição

## 1. *Leçons sur La Volonté de Savoir*, Paris Seuil/ Gallimard, 2011. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. São Paulo, WMF Martins Fontes, trad. Rosemary Costhek Abílio, 2014.

As aulas sobre a vontade de saber pretendem fundamentar análises históricas acerca da penalidade, do saber da sexualidade, entender como o discurso com pretensão científica é usado no sistema penal e na psiquiatria. Assim começou Foucault sua aula do dia 9 de dezembro de 1970, com os discursos de verdade e a vontade de verdade nas lutas reais que estão por detrás de relações de dominação. A noção de *épistémè* de *As Palavras e as Coisas* se sobrepõe à noção de ordem do discurso, aliás, título da aula inaugural. Por ordem do discurso entendam-se práticas capazes de influenciar, de excluir, de produzir efeitos. A ressaltar neste primeiro curso a **vontade de verdade**, marca original do pensamento de Foucault, que reaparece como vontade de saber nos últimos cursos. A vontade de saber que opõe verdade e erro resulta na necessidade de conhecimento. Essa vontade de saber diz respeito à questão epistemológica, a um sujeito fundador e à história do pensamento. Mas a vontade de saber, tal como Foucault a entende, remete a **processos de luta e dominação**, o que possibilita a própria existência do discurso e não avaliar a cientificidade.

Outra questão é a do discurso filosófico, como o de Aristóteles, em que todo homem tem por natureza desejo de conhecer, e que Descartes entende como busca da certeza por meio da dúvida. Foucault retoma a teoria do conhecimento de Aristóteles, que começa com a sensação, e que ascende ao conhecimento desinteressado da filosofia. Em contraste, o saber na tragédia é sempre terrível,

enquanto para Platão a capacidade de conhecer está na própria natureza do homem e não requer luta. Em um salto histórico, que dizer de Nietzsche e de Freud? Para eles, o desejo e a vontade são perigosos e estão fora do conhecimento. Com essas considerações, Foucault pretende mostrar a diferença entre conhecimento, que unifica e é sistemático, em contraste com o saber, que é exterior ao conhecimento, pois no saber há um querer, um desejo, ele é “o instrumento de uma dominação, o local de uma luta” (p. 18) (p. 18)<sup>1</sup>.

Na semana seguinte, em 16 de dezembro, Foucault resume a aula anterior, mostra que a vontade de conhecer, o desejo e a verdade se subordinaram ao conhecimento, pelo menos até Nietzsche. Vontade, conhecimento e verdade representam a irrupção de um desejo, que tem relação com a vida, com dominação, com a luta dos instintos. Um problema, como chegar à verdade fora do conhecimento sem o próprio conhecimento? Mesmo Nietzsche precisou da ciência, e essa ligação com a ciência ainda se dá.

Permanece para Foucault estabelecer a diferença entre a análise tradicional do conhecimento e a vontade de saber entendida como acontecimentos, e é essa direção que ele percorrerá, como deixou claro na aula seguinte, de 6 de janeiro. Um desses acontecimentos na ordem do saber é o caso dos sofistas, criticados por Aristóteles. Este baseia o conhecimento nas causas e não na aparência. Foucault expõe a teoria aristotélica das quatro causas, com isso visa concluir que o discurso filosófico não é alegórico, nem político e nem mítico, mas foi esse tipo de discurso filosófico que predominou. A história da filosofia recusa o pensamento do exterior e segue o princípio da interioridade, imune a outros discursos e práticas.

O tipo de argumentação dos sofistas foi recusado por Platão e exposto por Aristóteles como raciocínio com aparência de

---

<sup>1</sup> A primeira citação de página se refere às edições originais da Gallimard, a segunda citação se refere às obras traduzidas, editadas pela Martins Fontes.

verdade, o que acaba sendo uma armadilha, porque a esse tipo de raciocínio sofista não se pode atribuir valor de verdade, entre nome e coisa nomeada não há relação. Para Aristóteles, o silogismo conceitual, designa, refere, ao passo que o sofisma nada mais faz do que usar a materialidade das palavras em um jogo cênico de aparência.

Na aula seguinte, a do dia 13 de janeiro de 1971, após resumir as críticas aos sofistas, ao modo como manipulam o raciocínio, Foucault mostra que algo foi dito, foi enunciado, e pode ser repetido e conservado, trata-se de um acontecimento. No silogismo, o papel do sujeito é neutralizado, o mesmo ocorre na filosofia, na ciência e mesmo na Psicologia, os efeitos de verdade são vistos como anárquicos e infantis. Nesta altura, noções de *A Arqueologia do Saber* se fazem notar, a relação com a realidade, a possibilidade de verificação não se dá com o enunciado tal como Foucault o concebe, isto é, com uma materialidade própria, vale o que nele é dito, como **acontecimento na ordem do saber**, diferente da relação de verdade do sujeito com o que ele diz e que produz acordo ou não, quando há argumento vencedor, e isso no terreno jurídico.

Os sofistas, rejeitados por Platão e Aristóteles, são por assim dizer resgatados por Foucault nessa aula, ao mesmo tempo em que recupera conceitos de enunciado e de sujeito do enunciado, lugar vazio a ser ocupado conforme o discurso (cf. *A Arqueologia do Saber*, 1969). O discurso apofântico aristotélico, que ordena o ser por meio da verdade, foi o discurso dominante que acabou por rechaçar os sofistas. Esse é um ponto a que Foucault retornará em suas aulas, recuperar o pensamento filosófico que ficou à margem, caso dos sofistas e mais além, caso dos céticos e dos cínicos.

Na aula do dia 27 de janeiro (não houve a aula do dia 20), como Foucault fará inúmeras vezes, ele resolve recuar até os egípcios, a questão dos testemunhos, e salta para Demóstenes. Para este, dizer a verdade passa a ter a função da verdade de quem conhece os fatos em

um tribunal, apto a testemunhar, como exemplo, a forma como Sólon legislou. Em contraste, na época arcaica, era preciso desafiar com imprecisões, cabendo a Zeus a decisão. Foucault não finalizou essa aula.

Percebe-se que Foucault enveredou pelo tema da verdade dos enunciados, daí o resumo que fez da aula anterior de 3 de fevereiro, em que relacionou verdade e testemunho, desde o período homérico, e como era usado o suplício para arrancar a verdade, o que leva para “toda uma história das relações entre verdade suplício” (p. 83) (p. 77), assim, houve confissão extraída por meio de suplício. As formas de julgamento que confrontavam grupos sociais, o sermão do juiz para as partes envolvidas, esses foram procedimentos que não recorriam a instituições jurídicas. Daí a sentença ser um tipo de reparação, as partes se disputavam, como no caso das heranças. Na época de Hesíodo, a justiça era ligada ao cosmo; com Aristóteles, a justiça é política, o legislador faz valer o que é justo na ordem das coisas e não na ordem divina. Desse modo, dizer a verdade no discurso jurídico se liga ao discurso político, ao exercício da soberania e ao discurso do saber.

E o objetivo da aula, que seria analisar o papel por assim dizer contestador dos sofistas, não foi atingido. Ainda assim, Foucault prossegue na aula seguinte, em 10 de fevereiro, com a relação entre Homero e Hesíodo no que toca à justiça. Para Homero a vingança divina julgava o perjúrio, as impiedades, as fraudes, como recompensar perdas. Diferente de Hesíodo, para o qual era preciso saber a verdade, lembrar do que ocorreu, em que circunstância, em que estação do ano. A justiça passa a ser para todos os homens, não só uma função do juiz ou do rei. Entram critérios como o das medidas e técnicas, a cobrança de impostos, e a justiça passa a ser controlada publicamente.

Foucault resumiu a aula anterior e retomou a análise do modelo oriental. Desse modo, o leitor pode passar direto para a

aula do dia 17 de fevereiro. Na Grécia, diversamente dos impérios orientais, o saber não era ligado ao rei, ao Estado, o saber é das coisas, da ordem do mundo, tem a ver com justiça e não com o poder real.

A agricultura e seus ciclos, melhorar as condições do plantio, isso somado à necessidade de ferro para as armaduras, o desenvolvimento do artesanato, foram transformações prolongadas desde os séculos VII e VI a.C. até a época de Platão e Aristóteles. A agricultura foi beneficiada com regime de impostos e distribuição de terra, sob a legislação de Sólon. Foucault prossegue com detalhes históricos na aula seguinte. Quem conhece a história antiga pode se decepcionar com essas aulas. Em 24 de fevereiro, descreve o papel das moedas, do traçado das cidades, como o dinheiro ampliou a agricultura e o comércio, e Foucault fez uma pausa crítica. Dinheiro não é fetiche, esse é o “erro filosófico primeiro e radical” (p. 128) (p. 120), afirma ele.

Para confirmar essa crítica, ele demonstra a importância da moeda, sua função ao mesmo tempo religiosa e econômica, como a moeda é instrumento de poder, serve para redistribuir, investir, está na base de deslocamentos de poder. E mais, falsificar a moeda representa sacrilégio, ela regula a distribuição entre pobres e ricos, evita o excesso destes e permite aos primeiros pagarem dívidas e receberem salário. Ainda tem a ver com a moeda os impostos, cuja arrecadação sustenta a instituição do Estado, serve de medida, regula e corrige, trata-se de justiça, a justiça monetária. Foi com acúmulo de riquezas, trocas e aquisições que a moeda passou a ser o equivalente numérico das coisas.

O uso do termo/conceito “exercício do poder” (p. 145) (p. 135) surge na aula do dia 3 de março ao Foucault descrever as leis escritas e as transmitidas. Sócrates as distingue das leis não escritas, como as palavras servem para ensinar a verdade, portanto,

participam do ser. Disso surgem questões filosóficas, se o *logos* pode dizer a verdade, se a linguagem participa do ser. Com Sólon, há organização da economia, distribuição de poder conforme a classe, maior riqueza, maior poder, mas é um poder repartido e quem abusa é punido. Essas condições, encontradas nas mais diversas sociedades, sofreram modificações na sociedade moderna.

Na aula seguinte, em 10 de março, há um recuo a Homero e aos temas da purificação como forma de recuperar a inocência, ritos e sacrifícios para obter uma boa colheita. Mais tarde, para os tiranos legisladores, o poder divino emana de Zeus, Atena e Apolo. Herança, ritos funerários, assassinatos, a pena de morte para assassinos, profanações e ritos de purificação, são atos que são legislados. O impuro e o criminoso representam perigo à cidade. É preciso saber quem é o criminoso, e se cometeu o crime ou não. Essa busca da verdade nos acontecimentos humanos se dá exemplarmente na tragédia de Édipo, como explica Foucault na aula do dia 17 de março. Entra o papel da testemunha, a profanação deve se ligar a um fato, à verdade, por meio de rituais jurídicos, religiosos e morais. Diferente dos tempos homéricos em que o criminoso ignorou a regra e provocou a inveja dos deuses, a tragédia mostra que importa o *nomos*, que o puro é quem segue a lei.

Toda uma ética da verdade está em vias de se desdobrar à qual ainda não escapamos, quando justamente desse formidável acontecimento só recebemos ecos abafados (p. 182) (p. 170).

Há de se notar dois termos que fazem parte do repertório teórico de Foucault: “ética da verdade” e “acontecimento”.

As três figuras que se sobressaem são as do sábio que formula a lei, funda o poder político, é virtuoso, tem conhecimento filosófico do mundo; a do poder popular, que se vale do voto, do discurso, é violento e se insurge contra a própria natureza da sociedade;

a do tirano, que, quando se aproxima do poder popular tem função negativa, mas quando se aproxima do sábio, sua função é positiva e se coordena com a ordem das coisas, com as leis.

Entra em cena como exemplo de poder cego às leis, impuro, ignorante da ordem das coisas, Édipo. Esse exemplo é bastante recorrente nos cursos para mostrar aspectos da cultura grega como o discurso da verdade e a constatação de testemunhos. Assim, Foucault mostra que certos princípios como a distribuição de poder, o saber da ordem das coisas e o respeito à moral da virtude, são características que surgem na Grécia e chegaram até a sociedade ocidental. Ele discorda da análise de Freud sobre a diferença entre desejo e verdade, que o desejo tem formas universais. Nosso sistema de verdade, de discurso verdadeiro é o que está por detrás da determinação edípica e não o desejo, o que enseja ao leitor uma pausa para reflexão.

A busca da norma, do fato que serve de modelo para ordenar as relações humanas, enseja o outro lado, puro e inocente, fora do campo do poder e do desejo, de onde surgirão os discursos filosófico, científico e político. Essa **análise dos acontecimentos discursivos**, tal como em *A Arqueologia do Saber*, o modo como são usados e ensejam saber, são acontecimentos presentes nas instituições, leis, reivindicações, comportamentos. Por ser acontecimento, o discurso tem um papel, qualifica aquele que o usa, engloba um domínio de objetos. Não seria a emergência da verdade em Platão e Aristóteles um acontecimento discursivo?

Os acontecimentos discursivos permitiriam ver outros fatores menores, mas que teriam um importante papel, por exemplo, para a história da moeda, a dívida dos camponeses, os rituais de purificação. Foucault pretende mostrar que esse modo de olhar a história difere daquele das classes sociais em luta pelo poder, caso do marxismo. Entender a verdade como efeito, essa é uma vertente com base em Nietzsche. Os discursos locais são alvo de lutas para a

apropriação deles, são instrumentos dessas lutas; nesses discursos, os objetos têm um lugar, bem como o sujeito dos enunciados.

Foucault reforça, nessa aula, os conceitos de *A Arqueologia do Saber*, em que o discurso tem um tipo de poder, inclusive de ocultar a luta que ele mesmo provoca. Não se trata de abordar pelo lado da ideologia e sim do acontecimento discursivo. Ele exemplifica com o conceito de complexo de Édipo, que não seria uma forma universal do desejo como na análise de Freud, e sim narrativas de nosso sistema de verdade; portanto, uma análise mais próxima à de Nietzsche, a vontade de saber ligada às lutas, ao instinto, à vontade de potência. Foucault afirma que seu projeto seria fazer convergir essa noção de vontade de potência com os conceitos explicitados em *A Arqueologia do Saber*, como o de exterioridade, quer dizer, o saber não comporta algo escondido, uma ideologia, o saber é um acontecimento. A busca não é pelo não dito, mas pela história dos acontecimentos discursivos, que não está em textos a serem decifrados. A história da moeda foi um exemplo dessa história de acontecimentos.

No final, o leitor será contemplado com a conferência sobre Nietzsche em Montreal, em abril de 1971, na Universidade McGill, que não fez parte das aulas no Collège de France, mas cuja leitura é esclarecedora. O conhecimento surgiu, foi inventado, não tem um modelo, não é o inverso do não conhecimento, da experiência, não é uma leitura da estrutura do mundo, do sentido oculto das coisas. O conhecimento é o resultado de uma operação complexa, de luta, de impulso e de sedução. Sem fundamento ontológico, não é sobre a essência das coisas e sim da aparência, não é a superação dos instintos. Para Nietzsche, a verdade foi inventada depois do conhecimento. E este decorre da vontade de dominar, de assenhorear-se das coisas, da necessidade de resumir, de prever, de esquematizar: “a possibilidade de um conhecimento que se desdobra no espaço do segredo, do interdito, do desvendamento, da transgressão” (p. 201)

(p. 188). O conhecimento desvela o que é útil à vida, permite dominar, o próprio sujeito é um produto do conhecimento. A vontade de potência permite haver retorno, repetição, identidade, diferenças. Ao objeto se acresce a marca, o signo, a categoria e disso surgem as noções de substância, de essência; portanto, uma concepção de sujeito que nada tem de cartesiana.

No lugar da relação sujeito/objeto, tem-se vontade, marca, signo, interpretação. Foucault usa esses conceitos de Nietzsche para mostrar que o conhecimento liberto das noções de sujeito e objeto é o saber, a verdade como acontecimento, decorrente da vontade de verdade, da determinação ativa. Noção que está longe da tradição filosófica que separa vontade de verdade, e considera a verdade como ideia (Platão), como inteligibilidade (Kant), como condição e justificativa do conhecimento. É que atrás dos conhecimentos há o ainda não verdadeiro, os erros, as ilusões. Nietzsche vê como ilusão “mundo verdadeiro”, “Deus”, “verdade”. A aparência não é o oposto da verdade, ela é a verdade. A vontade de potência de Nietzsche difere, e muito, do desejo de conhecer aristotélico.

\*\*\*

Neste primeiro curso, vale ler a “Situação do Curso” de responsabilidade de Daniel Defers. O curso traz ainda o prosseguimento da aula do dia 17 de março de 1971, que é a conferência de Foucault na State University of New York em março de 1972. Em outubro essa mesma aula é repetida na Universidade de Cornell. O tema é o *Édipo Rei* retomado em outros cursos. Em resumo, trata-se de saberes que se defrontam: o símbolo e a enquête judiciária substituem o procedimento divinatório tradicional em *Édipo Rei*. Édipo é tema recorrente, como dissemos, e serve para defender a perspectiva não freudiana de que a trama da peça revela “uma luta entre as formas de poder-saber” (p. 250) (p. 236).



**2. Curso: *Théories et Institutions Pénales*. Ehess/Gallimard/Seuil. Paris, 2015. *Teorias e Instituições Penais: Curso no Collège de France*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMK Martins Fontes, 2020.**

O tema abordado é o sistema penal no século XVII, suas teorias e práticas para mostrar que esse sistema de repressão (note-se que “repressão” será retomado em outra acepção), serve para entender noções morais, sociológicas e psicológicas presentes nas revoltas populares na França. O tema paralelo é o do nascimento do Estado a partir das revoltas contra os impostos.

Na primeira aula, no dia 24 de novembro de 1971, Foucault detalha as tais revoltas populares contra as classes privilegiadas, cujas casas são por vezes pilhadas. A pesquisa histórica para esse curso foi exaustiva, há várias notas finais que evidenciam isso, e que a segunda aula, em 1º de dezembro, deixa claro. As rebeliões populares visavam, em especial, os fiscais que recolhiam os impostos. A repressão não vinha da nobreza, da burguesia e nem dos parlamentares, e sim do exército que dependia desses impostos e se constituía em justiça armada, com importante papel na justiça monárquica. A burguesia se defendia por meio da repressão policial e jurídica. A justiça feudal e a justiça monárquica tinham diferentes efeitos sobre as revoltas populares, na primeira, contra a renda do clero e dos senhores feudais, na segunda, contra o sistema repressivo do Estado. Uma das revoltas mais expressivas do século XVII foi a dos *pieds-nus*, os pés descalços, com ataques a feiras, ameaças, sequestros, pilhagens, cujo objetivo era eliminar os monopólios, fazer suas próprias leis, uma justiça que os beneficiasse contra o poder monárquico.

A pesquisa sobre as revoltas prossegue na aula do dia 15 de dezembro, em que descreve os movimentos em Rouen (1635), quando o poder feudal dá lugar ao aparelho de Estado da sociedade burguesa, cujo sistema de repressão sofre modificações expostas à exaustão. Continua o assunto na aula do dia 22 de dezembro, abordando como esse sistema repressor funcionou com o rei e com o exército, sobre os inimigos dos nobres. O chanceler ganha poderes, um grupo de financistas arbitra e determina as taxas e os impostos, e isso confere mais poder de controle e repressão por parte do Estado. O modelo medieval permanece, o rei submete prefeitos e parlamentares por meio do desarmamento, além de um sistema de multas que, quando eram perdoadas garantiam mais poder ao rei. As lutas políticas nos séculos XVII e XVIII se baseavam na relação entre imposto e renda, na medida em que essa equação é resolvida, o Estado administrativo se fortalece, passa a controlar melhor o exército e a banir vagabundos e desempregados.

Na aula do dia 19 de janeiro, Foucault expõe o papel de repressão dos policiais e comissários, sempre sob as ordens do rei. Cabia aos comissários, neste tipo de capitalismo incipiente, reprimir as sedições e assim promover a concorrência e favorecer a produção. A polícia assume o papel central na deportação dos indivíduos perigosos ou no seu encarceramento, e com isso a **polícia** se torna um dos instrumentos do Estado.

Na aula seguinte, em 26 de janeiro, Foucault mostra como esse sistema repressivo satisfaz as novas condições apresentadas pela economia capitalista em seu estágio inicial; a polícia, mais do que o exército, assume o papel de controle e repressão dos levantes, “[...] a delinquência é um efeito desse sistema repressivo” (p. 102) (p. 96). A riqueza produzida pela burguesia nesse nascente sistema capitalista tem como efeito evitar os levantes populares, e a polícia reforça esse efeito. A justiça é transferida para o poder administrativo

do Estado, reforçado pelo encarceramento e pela polícia. Notam-se dois temas que Foucault reintroduz em análises sobre a sociedade disciplinar e, mais adiante, a importância da polícia com relação às formas de governar.

Nas aulas seguintes, nos dias 2 e 9 de fevereiro, Foucault passa ao estudo do direito penal germânico, as aulas são mais curtas, com muitas notas de pé de página. Nelas, apresenta um recurso frequente em suas pesquisas, o recuo na história, desta feita até os séculos XII, XIII e XIV. Descreve os processos acusatórios do direito penal alemão, que sofreu influência do direito romano e do cristianismo. Acumular bens é pecado, o que justifica o seu confisco. Essa justiça medieval (aula do dia 16 de fevereiro) permitiu o surgimento de um aparelho de Estado com forte exército e que servia para recolher impostos. Foucault prossegue para a Idade Média na aula de 23 de fevereiro, mostrando como a justiça fica concentrada no poder do rei e do parlamento.

O salto histórico na aula de 1º de março o leva ao século XIX, quando houve uma importante transformação do direito penal, que passa a punir muito mais a criminalidade do que os prejuízos ao Estado, como a sonegação de impostos. O crime atenta contra a moral e contra a lei natural, além de lesar o poder. O direito passa a diferenciar crime comum do crime político.

Essas considerações culminam na aula do dia 8 de março, a mais importante do curso, com foco no sistema penal e suas diferenças com relação ao sistema medieval. As novidades são o interrogatório, a investigação, o papel das testemunhas, a confissão, e mesmo a tortura, todos eles servem para descobrir a verdade. Finalmente, o objetivo dessas aulas é alcançado, é feita a relação com o primeiro curso, *A Vontade de Saber*. E o mais importante desta aula, as formas do exame e como as ciências humanas nascem no pano de fundo aberto pelo exame.

O que aconteceu pode ser descoberto pela inquirição em que se confrontam acusador e acusado. Essas são novas formas de poder, sua base é o **inquérito** para descobrir a verdade. Diferente, portanto, do poder real que servia principalmente para resguardar a ordem. Quanto mais poder, mais saber, e da possibilidade jurídica de extrair saber, mais poder. Um interrogatório bem conduzido tem mais efeito de que um flagrante. “O interrogatório é um operador da retomada da ordem” (p. 202) (p. 186), dele é extraído um saber sobre o acusado que entra, então, em um domínio, o de um saber resultado de inquérito, confissão, testemunha, que é registrado e lavrado.

O **saber** que o inquérito levanta é um tipo de saber aplicável, pode ser investido em decisões. Exemplos desse tipo de saber: medições agrárias para estabelecer propriedades na Grécia antiga e o modo de acumular saber na Idade Média, que poderia ser usado na tomada de decisões. Foucault finalmente apresenta suas conclusões, que são uma amostra do que viria em seguida, um marco teórico. A importante conclusão de que **por detrás do saber, do sujeito de conhecimento, dos conhecimentos adquiridos há relações de poder**: “é a colocação de formas de poder que cria saber, o qual por sua vez aumenta o poder” (p. 213) (p. 197).

As aulas anteriores deste segundo curso culminam, portanto, em uma novidade conceitual que surgiu de sua análise dos levantes populares, que prosseguiu para os sistemas de punição e a noção de exame, de extração da verdade. Note o leitor que há noções que prenunciam *Vigiar e Punir*; contudo, a base teórica ainda não se modifica inteiramente. As relações entre sujeito e objeto de conhecimento, as ciências e o que se supõe serem ciências levam às práticas discursivas por meio de “matrizes epistemológicas” em nossa civilização. São essas matrizes que mostram como se recortam e se constituem campos de objetos, definem posições do sujeito dos enunciados. Essa arqueologia das ciências se mostra nas formações

discursivas. Como se pode notar, a base teórica de Foucault em 1971 é a do discurso, tal como se lê em *A Arqueologia do Saber*. A diferença é que seus estudos recuaram até os séculos XVI e XVII, e mesmo até a Idade Média. O centro era o inquérito:

o inquérito como forma de exercício do poder e de constituição de um sobressaber deu lugar às práticas discursivas (a tipos de descrição, de análise, de recorte do objeto, posição do objeto) (p. 214) (p. 198).

As formações discursivas ensinam ciências que, também elas, produzem mais saber. Foucault propõe, portanto, que das matrizes jurídicas e políticas do saber resultam mais poder, mais lucro, mais saber. Do inquérito passou-se à forma do exame de normalidade, de nível moral, de saúde mental ou não, que tem por alvo indivíduos ou grupos. Assim, como efeito do saber-poder do exame tem-se as ciências humanas. Para o cosmos era preciso medir, para a natureza era preciso descrever, para as ciências humanas, normalizar. Pode-se inferir que a conclusão de Foucault em *Vigiar e Punir*, acerca das ciências humanas e seu papel normalizador, teria sido semeado nessa última aula? De qualquer modo, fica evidente a importância dessa aula.